



## Entrevista com líderes da Seicho-No-Ie Do Brasil *Interview with representatives of Seicho-No-Ie in Brazil*

*Matheus Oliva da Costa\**

No dia 16/09/2014 foi realizada uma entrevista na sede central da Seicho-No-Ie (SNI) nacional com duas das suas lideranças. Marcos Rogerio Silvestri Vaz Pinto, pedagogo, trabalha integralmente na superintendência dos educadores da SNI Nacional e é preletor da SNI; Annemarie Heltai, professora, presta serviço à SNI na área dos educadores, sendo uma divulgadora da SNI. A religião deles, segundo os mesmos, é a SNI. A entrevista ocorreu como continuação de um encontro anterior entre estes últimos e pesquisadores do CERAL – Centro de Estudos de Religiões Alternativas Orientais no Brasil, em 08/09/2014. Nesse encontro houve o início de um projeto conjunto: de seu lado, a SNI quer entender melhor sua história e identidade a partir dos subsídios teóricos fornecidos por pesquisadores profissionais, do seu lado, o CERAL quer ter um exemplo empírico de uma religião transplantada ao Brasil para desenvolver debates mais profícuos sobre o tema. Encontros buscaram realizar ambos os objetivos de forma conjunta.

A entrevista foi organizada a partir da inspiração na teoria da transplantação das religiões e temas afins, em especial na versão de Martin Baumann<sup>1</sup>. Esse debate teórico serviu de base à formulação das perguntas, de forma que foi objetivado fomentar questões às lideranças da SNI do Brasil conforme os estágios processuais e estratégias de adaptação descritos por este autor. Além do debate teórico, a entrevista tentou retomar de forma sistemática dúvidas levantadas no primeiro encontro realizado no CERAL. Da mesma forma, surgiram perguntas e complementações espontâneas conforme a necessidade de aprofundar em algum tópico. Assim, tratou-se de uma abordagem semiestruturada de entrevista.

Pragmaticamente, foi dada ênfase aos seguintes tópicos: (1) entendimentos sobre o que é a SNI e sua história; (2) contatos culturais com o Brasil; (3) relações dos brasileiros com a SNI; e (4) possíveis singularidades e desenvolvimentos específicos da SNI no Brasil. Além desses principais tópicos, muitos outros complementos entraram em pauta.

---

\* Graduado em Ciência da Religião (Unimontes), mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP), e membro do CERAL. E-mail: matheusskt@hotmail.com

<sup>1</sup> BAUMANN, Martin. The transplantation of Buddhism to Germany: processive modes and strategies of adaptation. In: *Method & Theory in the Study of Religion*, n. 6/1, 1994, pp.35-61.

Tentou-se organizar a grande riqueza de informações desse diálogo, bem como buscou-se omitir informações repetidas. Com isso, a presente versão dessa entrevista foi editada visando fornecer uma leitura mais fluida aos leitores/as. Acredita-se que as informações que se seguem revelam interessantes aspectos dos processos socio-históricos vividos por uma religião japonesa no campo cultural brasileiro.

### **1. Como vocês explicariam o que é SNI para alguém leigo no assunto?**

**Marcos (M)** – Boa pergunta. Bom, SNI pode ser considerada uma filosofia e, em certos aspectos, uma religião. As palavras *Seicho-No-Ie* significam “lar do progredir infinito”. Nasceu como um complexo cultural, pois era esse o desejo do fundador. E, aos poucos, vai tomando uma roupagem de religião no sentido de religar, religar as pessoas à grande vida do universo.

**Annemarie (A)** – A gente coloca muito que é uma filosofia, antes de tudo. E, para algumas pessoas, se desdobra num aspecto religioso. Muitas vezes as pessoas ainda não encontraram uma religião, mas conseguem – até por que esse é nosso objetivo – ver na SNI uma religião, embora esse não tenha sido o desejo principal do fundador, o professor Masaharu Taniguchi. Era um movimento cultural, o desejo dele quando ele fundou a SNI.

**M** - Ele vai falar: é religião, mas também é filosofia. É religião em tal aspecto, é filosofia em tal aspecto. É a visão que ele tinha. Para nós, é difícil enquadrar a SNI numa coisa. A gente exatamente tenta fugir do enquadramento. Não porque não é importante: tem que ter identidade? Tem que ter, tudo bem. Mas toda vez que se tenta enquadrar alguma coisa, se cria uma série de rótulos, e eu acho que é isso que a SNI lutou desde o seu início: contra rótulos. Embora não se vai negar: tem um Sutra Sagrado que é seu, está bom, é verdade. Tem uma Cerimônia de memória dos antepassados que tem determinadas características que são suas. Mas a tentativa é o máximo possível sair disso, para justamente fazer um diálogo transversal, como todas as demais religiões. Dizer o que é aperta o calo da gente.

**A** – Exatamente o que a gente pode dizer: a nossa identidade é a de não querer um enquadramento. É um aspecto da nossa identidade.

### **2. Em que sentido a SNI se destaca e é singular diante de outras tradições? O que ela oferece de especial que marcaria sua identidade?**

**M** – Na verdade, a SNI sempre procura se identificar em outros movimentos, [por causa] do tripé doutrinário que sustenta a SNI: a verdade vertical, verdade horizontal, e unidade das religiões na essência. A gente acredita que todas as religiões têm algo em comum dentro da sua doutrina, que às vezes foi encoberto pelas questões culturais e

históricas da época. Então, a gente procura estudar as demais religiões procurando identificar quais seriam esses pontos centrais que acabam sendo comuns a todas as religiões, seja Budismo, seja Islamismo, seja Bramanismo, seja SNI, seja Catolicismo, enfim. E de especial, o que eu vejo com muita força, além da questão da imagem verdadeira, é o monismo da SNI. A SNI é uma filosofia ou religião monista, ou seja, acredita que existe uma única força, a gente não tem um conceito dualista. Para mim, essa é a marca registrada da SNI - não encontrei em nenhuma religião a ideia de monismo, como tem na SNI.

**A** – Em termos das pessoas mais leigas, quando essa pessoa chega na SNI ela descobre que ela é capaz, que é possível, e que só depende dela. Tenho percebido que, para quem chega, isso é muito forte. E o fato de só depender dela mesma.

### **3. Do ponto de vista doutrinal, dos preletores, como a SNI do Brasil entende a representação da própria SNI como uma “filosofia”? Há uma tensão entre as autodenominações “filosofia” e “religião”?**

**M** – Acho que as pessoas temem o assunto, existe certa tensão. “A SNI é uma filosofia” - acredito que, quando uma pessoa fala isso, talvez na cabeça dela esteja a ideia de não querer que seja rotulado como uma religião, para você não se fechar. Vai criando em torno disso todo um sectarismo, todo um fundamentalismo. Acredito que quando as pessoas falam que a SNI é uma filosofia, elas estão preocupadas com isso, de não se criar mais uma religião, mais um conceito fundamentalista.

### **4. O que está em jogo é o sectarismo? Ao melhor, a fuga do sectarismo?**

**M** – Sim, sim. Tem a ver com um dos tripés doutrinários nosso: a identidade das religiões na essência. Então, alguém fala para você: “minha religião”. E aí você cria um conceito na sua cabeça, e acabou! “Ah! Tua religião”. Então, estabeleceu um território. Quando a gente fala “religião”, por outro lado, se caracterizar como uma religião é no sentido de assumir determinadas características que são peculiares da SNI. Até porque, claro que tem pontos que são divergentes. Se alguém falar, por exemplo, “sou católico, e eu não acredito mais na ressurreição de Cristo, não acredito que tem um mundo dividido entre céu e inferno, não acredito no demônio”, como pode ser católico? Então essa dúvida fica pairando no ar nas cabeças das pessoas, mas elas querem se declarar católicas e entendem [assim]: “eu sou um católico que entende a essência do Catolicismo. E a pessoa se autodenomina católica, [estando] dentro da SNI, como entendedor do Cristianismo. Entendo o ponto de vista dele, ela pega aquilo que acha que é interessante no Cristianismo e adota para si.

**A** – Faz sua misturinha particular.

**M** – Vai à SNI e faz a Cerimônia em memória dos antepassados e acha que está tudo certo, e adota o que quer. Mas entendo isso, acho que eles começam a procurar as intersecções, entendeu? Então a gente tem o aspecto religioso, talvez ritualístico. Tem o aspecto filosófico, que dá para dialogar e é transversal a todas as religiões, é universal. Comprometimento, respeito, solidariedade, amor, são valores universais. Para alguns, dá certo medo de pensar: “espera aí, Jesus Cristo foi só mais um. Buda foi mais um. Maomé foi mais um”. Qual é o mal de se pensar nisso? Quisera eu que o mundo não precisasse de nada disso. Se tiver um mundo em que as pessoas estão se respeitando, se amando, cooperando uns com os outros. E se isso é natural então para que religião? Não precisa. Você já é a religião. Não é? Então, nenhum índio americano tinha na sua língua nativa a expressão “minha terra”. Não tem, nem Sioux, nem Cheyennes: “isso aqui é minha terra, meu pedaço de chão”. Não tem. Quer mais religioso do que isso? [risos].

**5. Sobre lideranças, quais são as lideranças da SNI? O que elas são? O que fazem? Quais as denominações? Elas dedicam-se integralmente?**

**M** – Líder para a gente é uma palavra muito ampla. Todo aquele, desde o voluntário até a pessoa que está recebendo um salário e que atua à frente do movimento, é líder. Todos preletores e divulgadores são chamados de líderes, internamente. Para a formação, há uma série de regras. São todos voluntários. A gente tem pouquíssimos funcionários. Preletores, na verdade, que atuam fora, são muito poucos. Geralmente quando a SNI vai contratar uma pessoa, ela vai exercer um cargo administrativo. Pode ser até preletor, mas ele não está lá para o cargo de preletor em si, está lá mais para a função de cargo administrativo. Nós, como preletores, somos voluntários, na verdade.

**A** – Um divulgador é na verdade um degrau para você ir aprendendo esse ensinamento, para você ir divulgando, para você ir atuando nas regionais nas suas ações. E verificar, durante esse período, de que maneira você vai continuar atuando na SNI, e se é que vai continuar. Então, eu acho bastante interessante esse período para que a pessoa se descubra, verifique se é isso que ela quer mesmo, e de que forma que quer, pois são várias organizações. [Descobrir] de que maneira vai atuar, de que maneira que não vai atuar.

**M** – Sobre o divulgador, a diferença entre ele e o que a gente considera adepto é que o divulgador quis ter um compromisso a mais com o seu local de atuação. Vai divulgar a revista, se comprometeu com a missão sagrada, vai às reuniões e ajuda a organizar reuniões, a preparar as reuniões, enfim.

**6. E os demais adeptos? Aqueles que não participam desses níveis organizacionais, o que idealmente eles deveriam seguir? Em termos de práticas e doutrinas?**

**M** – Ele vai ficar livre para fazer a prática de acordo com aquilo que achar necessário para o dia a dia dele. Não se tem o estabelecimento de uma regra. Por exemplo, se ele é um adepto, não vai estar vinculado com a gente dizendo: “minha religião é a SNI”. Ele pode estar frequentando a SNI por um interesse determinado, por um tema, assunto em comum. Pode dizer: “tem palestras interessantes”, “fala sobre harmonia”, etc. Vai ouvir isso e pronto. Agora, se ele quiser dizer: “olha, estou interessando em entender melhor sobre essa Cerimônia da memória dos antepassados”. Aí perguntamos para ele: até que ponto você vai fazer? Você pode continuar fazendo isso dentro da associação local, do núcleo, ou você pode se interessar pensar em fazer isso dentro da sua casa. Aí se o desejo dele é realizar essa prática, aí a gente orienta para ele que primeiro entenda direito o que o é. E entenda se os familiares então de acordo, por exemplo, porque você está levando para dentro da tua casa uma cerimônia que pode não ter vindo necessariamente com a religião da sua família. Evangélico, católico, de repente não aceita. Então, a recomendação número um é harmonia, sempre harmonia. Se alguma prática vai causar uma desarmonia, não se faz. Se diz “minha família aceita”, então a gente pode fazer, é uma recomendação boa.

**A** – O cerne do que qualquer pessoa vai ouvir quando vir aqui é a questão do perdão e da gratidão. Mais sobre a gratidão. É fundamental a questão do perdão e da gratidão. Isso, independente de qualquer coisa, é muito forte. Então, o que ele deve fazer? Deve perdoar e agradecer.

**7. Em relação ao número de adeptos, a SNI é uma das Novas Religiões Japonesas com maior número autodeclarantes no Brasil, segundo o IBGE. A que se deve esse crescimento? Quando foi o ápice dessas estatísticas? Hoje, ainda continua o crescimento?**

**M** – A SNI considera dois aspectos: um aspecto é o de que, se a pessoa se declara SNI para o IBGE, significa que ela está encarando a SNI como a religião dela. O difícil é se ter uma medida de pessoas que são simpatizantes e que frequentam porque gostam da SNI, mas mantêm o “sou católico”, e gosta de vir numa reunião, numa palestra, etc. O que a gente vai falar para você é baseado em discussões internas. Para mim, o crescimento da SNI se deu, bastante forte, a partir de 1973, quando os japoneses começam a ir às casas e frequentar as casas de brasileiros.

Primeiro ponto, a SNI traz a questão do perdão que é muito forte. E o perdão, eu me lembro, até muito pouco tempo era uma questão muito ligada à prática de confissão.

Então você tinha que ir procurar o sacerdote para você perdoar alguém, ou se perdoar, etc. A questão da consciência do pecado, até a década de 1970, acredito eu, era ainda uma questão muito forte. Então a SNI entra com ideia de que o pecado não tem existência verdadeira. Você pode se auto perdoar e pedir perdão à Deus pelos atos que você cometeu, você pode perdoar o outro, o outro pode te perdoar. Isso vai tirando um peso gigantesco, porque você não depende mais de outro para fazer alguma coisa que é de suma importância. Então, eu acho que isso faz com que as pessoas procurem muito a SNI, esse é um aspecto.

Outros aspectos. Eu acho que a gente entra um pouco “no bonde” do Kardecismo. A Anne falou de um aspecto que eu acho importante, que é: a tua vida é responsabilidade tua, e já não depende mais de terceiros para modificar. Agora você tem a chave para você sair dessa situação. Eu diria que um dos aspectos também é o discurso da prosperidade da SNI acaba também, de certa forma, impactando nesse aspecto de crescimento de adeptos. Pois observando uma nação como o Brasil, tinha uma série de dificuldades financeiras por que as pessoas passavam. Acho que o discurso de prosperidade também foi um chamariz para um grande crescimento. Tem os livros que o pessoal devora, compra bastante. Por ser uma novidade. E também porque as pessoas atribuíam muito casos de cura à SNI. Tanto é que, às vezes, os japoneses antigos contam para a gente que pessoas pagavam um taxi em São Paulo e diziam: “quero ir naqueles japoneses que curam”. E os levavam aqui para a sede da SNI. Muita gente nos procurou por causa dessa questão de cura.

Acho que foram esses aspectos que talvez fizeram este crescimento. Mas esse crescimento que estou falando com vocês é de 1970, 1980 e 1990. A partir da década de 1990, acredito que a gente entra numa certa estabilização, acho que não cresceu tanto assim, para o IBGE. Se olhar os dados de 2010, acredito que os números esfriaram ou estabilizaram. Porque os nossos números, internos, apontam que perdemos adeptos. Digo isso em relação à missão sagrada.

## **8. Como é a missão sagrada?**

**M** – A missão sagrada é o número de pessoas que contribuem financeiramente com a religião, com a filosofia, com a SNI. É uma medida em que, claro, se alguém se vincula e diz “vou contribuir financeiramente”, é um vínculo forte no sentido de que não vai dar um dinheiro para uma entidade em que não acredita. Houve um aumento nesse sentido, e uma estabilização, seguido talvez de um pequeno decréscimo de adeptos. Isso baseado não no IBGE, até porque não tenho este dado de 2010, mas baseado na missão sagrada. Houve uma queda de quantidade de pessoas contribuintes. Por exemplo, se esse pessoal mais velho vai morrendo, o descendente às vezes não assumiu isso. Então,

se não tiver entrada de novos, não há crescimento. Não é caiu muito, mas a gente estava organizando os números recentemente e sentiu uma queda.

**9. Há na SNI uma postura aberta frente a outras religiões, e há uma dificuldade de ver a SNI como uma religião propriamente dita. Vocês têm em mente que isso pode dificultar uma autoafirmação pública dos próprios adeptos de serem da SNI? Acreditam que isso influencia, ou não?**

**M e A** – Pode afetar.

**M** – É a questão é o seguinte, como eu estava falando também, se observar o conceito de imaginário<sup>2</sup>, e acho que é uma coisa também em que a gente está devendo um estudo mais aprofundado. “Eu estou na SNI, me declaro da SNI, mas meu imaginário está no Cristianismo”. Se observar, um evangélico fala de prosperidade, fala de perdão, faz uma reunião alegre. O pessoal vinha muito para a gente por causa disso, foi um dos pontos que me esqueci de dizer: os brasileiros adoravam, cantavam, davam risada, brincavam, confraternizavam, porque era uma delícia. Só que se a pessoa está feliz da vida conosco, ou com o ensinamento, e está com o imaginário cristão, aí qualquer igreja que fala “vamos aproveitar isso, vamos fazer uma reunião alegre, vamos falar de antepassados”, por exemplo. Então as pessoas gostam.

**10. É o que tem ocorrido, como na Renovação Carismática [católica], por exemplo?**

**M** – Sim, exatamente. A própria Renovação Carismática foi uma tentativa de frear as Novas Religiões Japonesas. Também frear os próprios evangélicos. E atinge a gente também. Essa questão: é ruim em que sentido? É ruim porque não se sabe o quanto dessas pessoas que estão com você estão realmente com você. Ela pode fazer um trabalho, pode até se doar, enquanto ela estiver aqui, etc. Mas é um trabalho de longo prazo.

---

<sup>2</sup> Marcos está fazendo menção ao artigo de PAIVA, Geraldo José. *Imaginário e Simbólico: aspectos psicológicos na adesão à Seicho-no-íe e à PL-Instituição Religiosa Perfeita Liberdade*. REVER – Revista de Estudos da Religião, n. 2, 2002. Disponível em: [http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2002/t\\_paiva.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2002/t_paiva.htm)

**11. Mudando de assunto, qual era a relação com a cultura brasileira nas primeiras décadas de divulgação da SNI no Brasil? Como começaram as missões e divulgações no Brasil para brasileiros?**

**A** – A divulgação era somente para japoneses, a princípio. Isso até 1963, com a vinda do mestre ao Brasil.

**M** – Quando ele [Masaharu Taniguchi] chega em 1973, na segunda vinda dele, ele cobrou da liderança a presença de brasileiros aqui e um integração com o Brasil. Eu digo da cultura brasileira porque ele sempre falou: “o Brasil é uma pátria cristã, vocês tem que ficar atentos a essa questão”.

**12. Qual é a importância étnica de japoneses na hierarquia da SNI?**

**M** – A primeira grande abertura, grande porque os brasileiros foram ocupando funções dentro da diretoria, foi na primeira diretoria que se formou com um grupo de brasileiros, da década de 1970, em que já entraram brasileiros não descendentes de japoneses. Daí para frente todas as diretorias tiveram não descendentes de japoneses. Agora, efetivamente em cargos que estão na ponta da organização, foi com a professora Marie Marakami, a partir de 2008, quando nomeia os superintendentes das organizações<sup>3</sup>: ela nomeou não descendentes para seis delas. De fato, é bastante recente a entrada de um não descendente na direção nacional. E foi uma atitude bastante forte da professora Marie Murakami, numa sinalização de confiança nos não descendentes. Agora, hoje, ainda a presidência e a vice-presidência, os dois vices presidentes e o presidente doutrinário da SNI para a América Latina, estes aí são descendentes de japoneses. São brasileiros, já nasceram aqui, todos brasileiros, mas descendentes de japoneses.

**13. Como foi a reação dos pioneiros japoneses frente a isso?**

**M** – A gente tinha um relacionamento bastante estreito com eles, porque nossa geração foi uma geração que foi criada deles. Quando eu cheguei, em 1984, eles coordenavam tudo. Então aprendemos muito a lidar com eles, a falar com eles. E eles admiravam muito a gente. O professor Miyoshi Matsuda, um dos pioneiros mais atuantes, respeitava muito a gente. Toda essa geração sobre a qual eu falei com vocês, toda ela foi toda a direção da Associação dos Jovens, eram os presidentes ainda descendentes de japoneses. Só que toda direção deles, a maioria já eram de nossa geração

---

<sup>3</sup> Sobre as organizações da SNI, cf. <http://www.sni.org.br/organizacao.asp>.



de não descendentes. Tínhamos a confiança dos japoneses. Mesmo não falando o idioma japonês, lideranças brasileiras têm muito prestígio com as japonesas.

#### **14. Quem dá a última palavra nas ações da SNI do Brasil, organização japonesa central, ou os brasileiros têm alguma autonomia?**

**M** – Hoje nós estamos alinhando nossa diretriz com a diretriz da SNI do Japão, da Sede Internacional que fica no Japão. Nós sempre trabalhamos livres, mas, de certa forma, sempre procurávamos ouvir um pouco o que o Japão está pensando, como o Japão está concebendo as coisas, como eram as diretrizes do Japão. Muitas vezes se via tópicos nas diretrizes do Japão que tinham nas nossas diretrizes. Agora, nessas diretrizes recentes, foi solicitado que a gente a estude mais profundamente e alinhe bastante com as diretrizes da Sede Internacional, que, pela primeira vez, acredito que desde 1993, criou-se um movimento internacional de paz pela fé. A ideia é criar um movimento que se pense de uma forma mais global, porque até então era bem regionalizado mesmo. Embora, claro, os livros sejam autorizados pelo Japão para traduzir.

Então, existia um alinhamento, e certa liberdade. Tanto é que, se olhar a área de educadores da SNI do Japão e a área educadores nossos do Brasil, são dois trabalhos totalmente diferentes. A gente atua totalmente diferente deles, o que significa que tem liberdade. Inclusive houve uma dissidência na SNI há três ou quatro anos atrás. Isso foi porque a SNI está tentando olhar um pouco mais adiante, tentando internacionalizar seus símbolos, e existe uma resistência de alguns grupos. Tem que conversar muito, são japoneses antigos, que têm um carinho especial pelo símbolo. Essa mudança, para eles, é impactante. Como falei para vocês, há a questão do símbolo: tem um símbolo que a SNI tem a muito tempo que é o sol, a estrela e a suástica budista. E, hoje, está se pedindo que use mais o símbolo do movimento internacional de paz pela fé. Inclusive se olhar aqui fora [da sede nacional], as bandeiras da frente já são a imagem do movimento internacional de paz pela fé pendurada na frente [da sede]. Vão dizer: “mas para quê? O que é isso? Está mudando muito!”. Mas é um apego ao símbolo. Nesse apego aos símbolos é que vão ocorrendo talvez as questões das gerações: nossa geração já acha que é preciso mudar mesmo, que pode mudar, que não tem porque ficar preso a isso; outras gerações vão discutir e dizem “não pode mudar, isso é coisa de costume, é antigo, não dá para você mudar assim”. Então fica esse embate.

#### **15. Quais são as diferenças de postura entre preletores no Brasil?**

**M** – Se olhar os temas dos nossos cursos que formam preletores, o preparo anual com preletores, 70% dos temas são temas que a gente chama de “atualidade”. São temas que estão sendo debatidos na sociedade. Há um pessoal antigo, ou conservador – não

só antigo, porque há jovens no meio, tem senhores que são mais velhos e avançados, tem jovens que são mega conservadores, tem japoneses super avançados, tem japoneses também super conservadores. Quando vamos trabalhar com temas da atualidade, eles dizem: “você vão passar isso aí? Isso não é doutrina! Isso aí não salva ninguém”, que é uma linguagem que a gente usa internamente: “isso não salva ninguém, as pessoas não estão vindo aqui numa religião para ficar ouvindo do meio ambiente, onde é que está a doutrina nisso?”. É nesse sentido que há o embate maior hoje. Se parar para pensar, o conceito que embasa nossa visão ambiental não é um conceito ecológico. Existe toda uma estrutura dentro da sustentação da própria vida que nós estamos respeitando. Então, existe toda uma reverência à grande vida que está por aí, por trás. Isso é extremamente doutrinário.

**A** – Então como é que você vai se reconciliar com todas as coisas do Céu e da Terra se você mata um animal para comer a carne dele e usar a pele? Isso é doutrinário.

**M** – A pessoa não quer enxergar isso como algo doutrinário. É que, assim, entende-se doutrina como aquilo que as pessoas acham que os outros querem ouvir.

**A** – As pessoas estão mais interessadas em saber sobre perdão, de maneira geral, sobre a saúde, por que tem alguém da família que está doente.

**16. A diferença é que o primeiro grupo [conservadores] insiste nos pontos tradicionalmente abordados pela SNI, e o segundo grupo quer trazer novos temas que, às vezes, não estão estreitamente ligados a estes temas tradicionais, ainda que feito sob um olhar tradicional da SNI?**

**M** – É um olhar doutrinário. A base doutrinária, o tripé doutrinário: verdade vertical, verdade horizontal e identidade das religiões na essência. Então eu posso dar uma aula de meio ambiente baseada na verdade vertical e horizontal. Posso dar uma aula sobre doença, e da inexistência da doença, pautada nos dois [princípios], verdade vertical e horizontal. Posso dar uma aula sobre prosperidade pautada nos dois [princípios].

E posso te dizer: como vou trabalhar horizontalmente dentro do [tema do] meio ambiente? São as ações que vou fazer, do meu dia a dia, mas a minha visão é vertical, ou seja, a crença em que todas as existências que estão neste planeta são existências sagradas. Então, se são existências sagradas, elas têm direito à vida. Independente de se eu concorde com isso ou não, se achar que é superior ou não, se foi criado primeiro ou depois por Deus, se Deus disse: “você é o ser superior”... mas, para nós, não. Para nós, todos os seres são existência sagrada - se é sagrada, você não tem o direito de usurpá-la. Então, vou procurar viver minha vida melhor.

**17. Vocês estão sempre citando os japoneses. Qual é o status da língua japonesa dentro da SNI no Japão e da SNI do Brasil? Tanto para a SNI do Japão quanto para os brasileiros?**

**A** – A cerimônia em si, as reuniões, já são todas em português. Nós fizemos uma reunião e participou uma descendente de japonês. E ela disse que ficou bem satisfeita que o Canto evocativo de Deus e outras orações não estão mais em japonês, porque muitas vezes o brasileiro não compreende a língua. Com isso, com esse não uso da língua japonesa, ficou muito mais próximo e até mais respeitoso com a cultura brasileira.

**M** – O japonês tem uma mística, de que se você não ler em japonês não se entende a doutrina de forma correta, porque é um ideograma e tem um significado “x”. De fato, a gente sente isso. Eu mesmo às vezes sento com um japonês e peço para me traduzir algo, não é uma tarefa fácil. Um ideograma sozinho quer dizer tal coisa, dois juntos querem dizer outra coisa, e um terceiro ainda modifica todas as coisas. Mas se os brasileiros estão fazendo a divulgação, estão conseguindo alcançar os mesmos êxitos dos japoneses, isso não tem nada a ver com a língua. É uma questão de sentimento, de como você entende o ensinamento, e da comunicação sobre ele. Então não tem perda. O segundo ponto é que a SNI está se internacionalizando e optou pela língua inglesa. Então, os livros serão traduzidos a partir do inglês. O Japão traduz do japonês para o inglês, e depois traduzimos do inglês ao português.

**A** – E o terceiro ponto é que não existe uma tradução que não seja traidora.

**18. Traduttore traditore [risos]. Em relação à Cerimônia de memória dos antepassados, como foi para o público japonês e seus descendentes? E como isso foi recebido e praticado por brasileiros?**

**M** – Pergunta complexa. Desde o início, quando eu entrei, por exemplo, eu peguei a fase em que tudo era feito em japonês, com exceção da leitura do Sutra Sagrado, que já estava traduzida em português. No início, tinha o Canto evocativo de Deus em japonês. Depois você tinha cerca de 90% das cerimônias já em português, as revelações divinas, e mais uma série de coisas estava em português. Tinham alguns cânticos, tinha o Canto de tranquilização que era em japonês, e o Canto numeral em japonês. Depois o Canto da vida harmonia em japonês.

Em algumas cerimônias ainda se usavam as vestimentas bastante xintoístas. Aquelas rouponas, assim, largas, parecendo saias. Essas cerimônias eram conduzidas somente pela Academia de Treinamento Espiritual de Ibiúna, no interior de São Paulo. Casamentos nossos eram feitos no modelo xintoísta. Tinham músicas, tinham certas coisas xintoístas. Quando falo xintoísta tem que ver que há diferenças regionais. Então

adotaram um estilo específico xintoísta, que não sei dizer para você qual é a região. A partir de 2005 ou 2004 é que foi solicitado para a gente, de fato, acabar com essa história de ficar utilizando essas vestimentas, e pensar em alguma coisa mais próxima, que o brasileiro identifica como sendo dele.

### **19. Essa diretriz veio do Japão?**

**M** – Veio do Japão. Embora alguns brasileiros já falassem: “poxa, porque que tem que fazer em japonês? Porque que tem que fazer com esse estilo? Por que o casamento tem que ser nesse estilo?”. Como o pessoal daqui estava muito acostumado a ver isso, quem estava internamente na SNI não pensavam muito como os outros nos veem. A partir de 1993, com a ideia do Movimento Internacional de Paz pela Fé, já foi solicitado: “olha, pensem” a respeito desse tema. Mas, como o Brasil não se tomou uma atitude, veio uma determinação um pouco mais enfática. Então foi adotada a nova diretriz tirando um pouco dessas características japonesas. Hoje, não se tem mais nenhum canto em japonês, salvo a Cerimônia da memória dos povos pioneiros, aí se faz canto em português e canto em japonês. Mas não usa vestimenta xintoísta.

### **20. De onde veio a demanda para a Cerimônia dos povos que foram escravizados? Dos pioneiros nipônicos? Ou dos brasileiros?**

**M** - A dos povos escravizados surgiu a partir do momento que a gente começou a analisar, no conselho doutrinário organizacional central (CEDOC), desde 2006. Nesse conselho, uma das discussões era essa: “os povos que foram escravizados, os negros, os índios... precisamos reconhecer que eles de fato têm uma contribuição muito forte ao Brasil, já fizeram coisas maravilhosas. Precisamos homenageá-los”. Esse é um aspecto. Tem outro aspecto, que é quando a pessoa vai dizer: “já pensou? Uma pessoa parte para o plano espiritual escravizada, humilhada, sofrendo...”. Na nossa visão, a pessoa vai para o plano espiritual e carrega esse sofrimento, essa mágoa, essa tristeza, esse ódio e isso fica no campo astral. Fica como energia isso aí. Então, como segunda demanda, vamos dizer, a gente homenageia eles: lê um sutra, faz uma cerimônia. Esses povos que sofrem hoje no campo astral vão começar a tomar consciência: “vamos perdoar, vamos nos reconciliar”. Assim vão se libertar, porque eles têm um trabalho para fazer no plano espiritual, ajudar o Brasil. Tanto é que ela começou como Cerimônia aos povos escravizados, depois passou a Cerimônia dos povos que foram escravizados. E agora estamos entrando numa discussão para mudar inclusive isso para “povos negros e índios que construíram [o Brasil]”. Estamos debatendo qual vai ser o tema, o assunto, a ideia.

**21. Como os participantes tomaram conhecimento do evento? E como reagiram?**

**M** – A comunidade negra ficou extremamente feliz. E os índios, a gente chamou representantes. Sempre se chama representantes dos negros e dos índios para fazer uma palestra, explicar um pouco sobre sua cultura, sobre sua contribuição. Nem vamos dizer “pros índios”, não é? Nós temos centenas de nações indígenas. Mas o Kaká Werá, que é um índio guarani, que sempre vem, ele gosta muito da SNI, ele costuma comentar que os parentes, que ele chama de parentes, que os parentes das várias nações recebem muito bem isso, segundo o Kaká Werá me diz.

**A** – Inclusive, a maior representatividade dos que estava participando era de adeptos [da SNI], e não simpatizantes. A representatividade maior é dos adeptos.

**22. (Marcos e Anne,) vocês fazem parte da coordenação de educação da SNI do Brasil. No Brasil, a SNI procurou realizar diálogos com grupos ou ideias educacionais brasileiras? E com outros segmentos da sociedade civil leiga, como ciências, psicologia, filosofia ou qualquer outro segmento social?**

**M** – Sim, bastante. Atualmente, inclusive, adotamos uma postura de estudar só os educadores brasileiros. Com a neurociência, já o professor Masaharu Taniguchi estudou bastante. E com a neurociência ele faz algumas incursões com alguns autores que descobriram o neurônio espelho. Tudo isso tentando mostrar, por exemplo, a ciência alcança coisas que a religião, ou as religiões, intuitivamente já buscavam. A neurociência faz a comprovação de que a meditação tem um efeito comprovado sob o cérebro. A própria epigenética indica, de fato, que o próprio DNA sofre influência do emocional, e essa influência passa para a geração seguinte. Essa é uma ideia que, se parar para pensar, é do carma: “eu adquiri uma doença e foi parar no meu neto”. O budista chama de carma. Transmigrações cármicas. Então, os nossos preletores acabam fazendo palpites nas áreas de interesse. E tem a que escreveu *Terror em nome de Deus*, a Stern, que é muito discutido, temos discutido bastante, que é sobre fundamentalismo. Os temas que a gente tem discutido muito são meio ambiente e a questão do fundamentalismo.

**23. Agora, sobre algo que é bastante pulsante na SNI: o diálogo com outras religiões. Vocês começaram a dizer que são convidados por outras tradições para conversar. Mas vocês também convidam outros/as?**

**M** – Sim. Tem iniciativas de todo mundo. Pelo menos duas vezes por ano, a gente chama outras religiões para fazerem palestras dentro dos nossos eventos. Já veio, por exemplo, pelo Budismo Zen, com a monja Coen. Vieram representantes da Igreja

Católica, vieram padres beneditinos, fazendo pregações numa visão beneditina de mundo. Nós trouxemos, com um pouco de dificuldade de trazer, claro, o Judaísmo e o Islamismo para conversar.

**24. É possível dizer que a SNI usa, como referência de adaptação à cultura brasileira, a tradição Católica? E, se sim, de que forma e em qual intensidade isso aconteceu? Profundamente? Superficialmente?**

**A** – Também. Não, não diria que foi central. Contudo, sobre a adaptação de roupas não foi feito um estudo aprofundado para se saber de que maneira que se atingiria mais, ou menos, as pessoas. Não foi algo tão consciente como: “vamos fazer isso, porque isso tem a ver com o Cristianismo”, “vamos fazer isso porque não tem a ver com Xintoísmo”, não. Eu acho que foi bem superficial mesmo. Sabe, mais uma questão de padronização oficial.

**25. Há alguns estudos, e a própria divulgação da SNI afirma que há muitas ofertas de proteção, prosperidade, cura. Como a meditação shinsokan, a purificação da mente. Isso é uma característica da SNI do Brasil ou essas ofertas já existiam antes no Japão e foram trazidas para cá?**

**M** – A gente fala das três práticas espirituais que conduzem à compreensão integral da verdade. São a meditação shinsokan, a leitura de livros e sutras, e as práticas de caridade, de amor ao próximo. Isso é o cerne. E tem, por exemplo, a cura divina, a ação da cura divina. Que é uma coisa que tem no Japão, e tem no Brasil também. Essa parte é toda em comum.

**26. Teve algo surgido e desenvolvido no Brasil, especificamente? Há uma prática específica de cura do Brasil mesmo?**

**M** – Não. Não tem. As cerimônias são feitas já em comum, entre brasileiros e o Japão. [...] Mas tivemos algumas questões de entendimento, por exemplo, que foram questionadas pelo Japão. Uma delas foi em relação à maneira como a gente tratava a Cerimônia de memória aos antepassados, especificamente do Santuário Hoozo do Brasil. Quando a gente começou a divulgar que a pessoas podiam fazer registros espirituais, para nomes de ruas ou um acidente de avião: “poxa, me condoí com aquilo e resolvi fazer um registro espiritual para a pessoa que faleceu naquele acidente de avião”. Então o Japão entendeu que estávamos distorcendo o sentido principal, da Cerimônia de memória aos antepassados, que era fazer com que o próprio familiar fizesse a homenagem. Para não cair na tentação de ficar aumentando um número de

registros artificialmente, indo atrás de números. Então houve alguns desentendimentos da nossa parte no sentido de não ter entendido corretamente a essência da coisa. Então o Japão nos alertou a respeito disso.

Recebido: 22/04/2015

Aprovado: 15/05/2015